«Se eu estivesse a pensar com clareza, Leonard,
dir-te-ia que me debato sozinha no escuro, nas profundezas do escuro,
e que só eu posso saber — só eu posso compreender — a minha própria condição.»

— Virginia Woolf
As Horas, de Michael Cunningham

PARTE 1

1

Leo

Há três dias que não durmo.
É doce quando consumo.
Então fujo
Do travo sujo
Enquanto consigo.
Mas já a vejo, distante,
A onda a crescer, gigante,
Pronta a desabar,
Pronta a afogar.
Agora já sem tanto charme:
É uma tampa de lixo em queda,
A fechar-me
No meu mundo de merda.

@Alias22

2

Mallory

Ao iniciar o meu sexto jogo de Candy Crush sentada na tampa da sanita, tenho uma epifania muito clara e racional.

Eu também sou um pedaço de fruta digital prestes a explodir.

Resumo-me a isso. Num momento, estou aqui; no outro, sou reduzida a um doce salpico de coisa nenhuma. Obliterada. Esquecida.

Lá fora, consigo ouvir as vozes dos meus convidados e a música que toca sem parar. *Porque é que não se vão embora?*

A verdade é que, se explodisse mesmo, acho que nem iam dar por isso. Pelo menos não logo de início. Iam fingir que se importavam no meu funeral. Que eu era importante para eles. Que tinha deixado uma marca nas suas vidas de forma bonita e profunda. Mas seria mentira.

Um deles mentiu ainda há pouco. Uma mulher que só vi uma vez. «A Mallory é basicamente a Clarissa Dalloway», proclamou ela alto para a minha cozinha cheia de tipos artísticos (pretensiosos) e intelectuais, apontando na minha direção com a boca cheia de húmus. Húmus que eu comprei no Tesco e pus na taça mais chique que consegui encontrar. Polvilhei-o com coentros e fingi que o fiz. (Acho que também minto. Mas é diferente.) «A Clarissa Dalloway, porra», repetiu ela, com uma cara como se aquela dentada lhe estivesse a precipitar um orgasmo. Engoli a inveja. Não tenho um orgasmo há anos, quanto mais um provocado por húmus do Tesco. «A Mallory dá as melhores festas do Norte de Londres.»

Hoje é a primeira vez que esta mulher põe os pés dentro de minha casa.

No entanto, eu ri-me, por educação. E todos os convidados concordaram, amontoados à volta da minha ilha de cozinha, a acenar com a cabeça, um mar ondulante de óculos de aros de metal, chapéus de feltro, cigarros de enrolar atrás das orelhas (com argolas e cruzes penduradas nos lóbulos). Todos a desafiar a moda dos cigarros eletrónicos, porque são demasiado autênticos, demasiado alternativos e demasiado brilhantes, no fundo, para se preocuparem com o cancro do pulmão, como se os cartões do museu Tate Modern e as sandálias *Birkenstock* os tornassem de alguma forma imunes.

Algumas pessoas até bateram palmas. Dispensei-as com um gesto de mão, como quem diz que estavam a ser tolas. *Não, não. Não sou nada como a Mrs Dalloway*. Mas, na verdade, não faço ideia se sou ou não. Nunca li *Mrs Dalloway*, apesar de fingir tantas vezes estar bem versada nos grandes clássicos da literatura que quase já me convenci a mim própria de que li. A verdade é que pesquisei o enredo no Google, como faço com a maioria dos clássicos, devorei um resumo dos temas e do estilo na *Wikipédia*, decorei à pressa algumas frases que pareciam importantes e agora limito-me a recitá-las às pessoas. Parece ter resultado. Até consigo citar alguns trechos.

Ela atravessava tudo como uma faca.

Essa é boa.

— Mal?

Deslizo o dedo pelo ecrã com toda a precisão, a abater cinco gomas amarelas seguidas. Vejo-as explodir; a vibração do telemóvel faz-me cócegas nos dedos num ritmo tão satisfatório que solto um suspiro audível.

— Mal, estás aí dentro?

Tenho mesmo de ter cuidado. A Virginia Woolf vem à baila com uma frequência irritante nas conversas deste grupo de pseudo-eruditos, como se tivesse sido adotada como uma espécie de Figura Materna (*é um ícone de estilo, uma* influencer *de decoração, porra, é mesmo um estado de espírito*). Por isso, comprei uma edição antiga de *Mrs Dalloway* no eBay por mais do que o preço de um *iPad*, dobrei as páginas e pu-la na casa de banho do rés do chão — onde estou sentada neste momento. Está exposta para toda a gente ver: mesmo em cima da pilha de livros dispostos cuidadosamente (estrategicamente) na prateleira, ao lado do

lírio-da-paz e da vela perfumada pretensiosa que cheira intensamente a alfazema, disfarçando na perfeição o fedor da minha farsa.

Mais valia ler a porcaria do livro de uma vez por todas.

Ela sentia-se muito jovem e, ao mesmo tempo, indescritivelmente velha.

Outra boa.

Consigo vê-lo à minha frente. A lombada partida à força.

As minhas mentiras dobradas em páginas por ler.

Toda a gente mente.

— Mal, estás aí dentro?

A Virginia Woolf suicidou-se com pedras nos bolsos. Posso tecnicamente não ter lido os livros dela, mas ao menos sei isso.

— *Mal!*

É romântico, não é? O suicídio. Há algo de romântico nele. Às vezes. Nem sempre. Não os das linhas de comboio ou os dos roupeiros com gravatas e cintos. Antes os que acontecem nas florestas, nos rios ou nos lagos. Os pacíficos. Acho eu.

Se admitisse isto aos meus convidados, se calhar iam-se embora. Que é o que eu quero.

— Mallory? — O sotaque irlandês e rústico do meu marido ouve-se do outro lado da porta.

Que se lixe.

— Mal, a Joanie está a perguntar onde guardamos o Jäger.

Temos Jäger porque ainda somos jovens e descontraídos. Sem esforço. Isso é importante.

— Estou só na casa de banho, querido. — Nunca lhe chamo «querido» a não ser quando há mais alguém por perto a ouvir. Pego no copo de champanhe e bebo o resto de um trago. Não estou bêbeda o suficiente.

Ele é tão bonito. Tão *sexy*. Todos me dizem isso. Ainda me tremem os joelhos. É verdade.

Tremem mesmo.

— Ia jurar que estava no armário da ilha da cozinha. — Ele está a arrastar as palavras.

— Não, está em cima do… — Porra. Morri.

No Candy Crush, não na realidade.

— Estou aí em dois minutos!

Levanto-me e puxo o autoclismo, só para o efeito. A água corre quando abro a torneira, mas não molho as mãos. Fico apenas a olhar-me ao espelho acima do lavatório.

Tenho ar de pertencer aqui.

— Está bem, amor. — Ouço uma pancada surda na parte de trás da porta. A cabeça dele? — Está bem. — A voz mal é audível através da madeira, como se tivesse a boca colada a ela. — …Estou excitado.

Este espelho tem um acabamento envelhecido. Foi o que o homem da loja de mobília Neptune me disse. «É um espelho com acabamento envelhecido.» Já tentei tantas vezes encontrar-lhe a angústia emocional, para me identificar. Mas o que isso quer dizer é apenas que o vidro é deliberadamente baço ao ponto de quase não nos vermos nele. Odeio este espelho, mas todos dizem que é fixe.

O meu espelho é fixe, como a minha casa, o meu marido e o nosso Jäger.

— Ouviste-me, Mal?

Sim, ouvi-te. Sim, ouvi-te, porra.

— Desculpa?

— Estou excitado…

Jägerbombs numa casa geminada de três andares a deixar-lhe de tenda armada em Crouch End às dez da noite de uma sexta-feira.

Esta é a minha vida.

A minha vida é invejável.

Tenho tudo.

Afasto-me do meu reflexo e abro o trinco da porta. Ele cambaleia na minha direção, empurrando-me de volta para dentro.

— Ronan…

— Podemos ser rápidos. — Fecha a porta com um pontapé do calcanhar atrás de si.

— Mas os convidados…

Ele aninha-se no meu pescoço, a parte de trás das minhas coxas agora pressionada contra o topo do lavatório. O rosto dele aparece à minha frente: a barba por fazer, deliberadamente descuidada, a linha do cabelo eternamente resistente, as sobrancelhas cerradas e os olhos

verde-claros, agora distantes, perdidos, turvados por uma mistura de tesão desajeitada e um uísque escocês impronunciável.

— Amor… — diz ele, e a minha pele arrepia-se. Nunca me chama «amor», a não ser quando os seus olhos estão assim. — Só rapidinho… — Os seus dedos roçam nas minhas calças de ganga, no interior da coxa. Também nunca faz isso, a não ser quando os seus olhos estão assim. — És incrível.

Já me treinei para não vacilar. Todas as vezes.

Solto um pequeno gemido, porque sei que é isso que devo fazer.

Felizmente, o gemido dura pouco, interrompido pela voz de alguém: nem minha, nem dele.

— Meu Deus!

A porta abriu-se de repente e a Joanie está ali parada, congelada e corada, meio dentro, meio fora, com um copo de Chardonnay na mão.

O Ronan afasta a cabeça do meu pescoço, dando-me um momento de alívio.

— Oh, merda… Joanie, desculpa…

— Não! Por favor… vocês continuem! — encoraja ela, virando-se com a mão a tapar a boca, os olhos arregalados.

— Joanie… — começo.

— Deus! Não. De todo. *Vocês*. Vocês dois são tão… — hesita. — *Divertidos*.

— Já vamos sair.

A Joanie ri-se, como se tudo isto fosse engraçado. *A minha vida é divertida e engraçada.*

— É que… as pessoas estão à espera do discurso do Ronan.

O Discurso do Ronan.

Por Isso É Que Ainda Está Toda a Gente Aqui.

— Ah, merda — diz ele, afastando-se de mim. — A sério? — Soa subitamente tímido, mas o Ronan não é tímido. — Tem mesmo de ser?

— Sim! — protesta a Joanie, baixando depois a voz: — Não fui eu que te disse isto, mas o Theo trouxe canhões de confetes, abençoado seja, por isso prepara-te para alguns estalinhos.

Ele abana a cabeça, a protestar, mas está a fingir. Ele quer fazer o discurso. Sei que quer porque já o ouvi a ensaiá-lo na cave enquanto fingia estar a pedalar na Peloton.

— Está bem — suspira ele.

Desde a sua recente promoção a um dos editores de conteúdos da Netflix no Reino Unido, toda a gente quer ouvir a sua genialidade. *Ele só tem trinta e oito anos. Trinta e oito! Conseguem acreditar?* Até a Joanie tem mais para lhe dizer a ele do que a mim, atualmente. Houve uma altura em que lhe chamava «*red flag* ambulante», mas ultimamente já não vê o vermelho, apenas o castanho desbotado da sua bombazina. (Ele adora aquelas calças. Custaram-lhe uma fortuna, mas parece que as encontrou no caixote do lixo de um lar de idosos. Mas é mesmo essa a ideia.)

Ele sai da casa de banho atrás da Joanie, a ajeitar a camisa.

— Já vou ter convosco — digo, mas, quando ele me fecha a porta na cara na brincadeira, fazendo a Joanie soltar aquela sua gargalhada vibrante que sempre adorei, fecho os olhos. Espero que os dois desapareçam pelo corredor, em direção à cozinha, onde os outros vinte convidados estão à espera que ele os inspire.

As minhas mãos estão a tremer.

Mesmo depois de todos estes anos. Um tremor que começa por dentro.

Esta é a minha vida.

A ouvir a ovação dos nossos convidados a explodir enquanto o Ronan ocupa o seu lugar no centro do palco junto ao frigorífico Smeg (de porta dupla!), volto o olhar para a pilha de livros na prateleira ao lado da vela e do lírio-da-paz. Um sobre Freud, um de Jung, um sobre estilos de apego disfuncionais em adultos, uma coletânea de poesia da Sylvia Plath e um livro de capa vermelha. O meu livro.

Puxo-o para fora. O toque da lombada contra as pontas dos dedos lança-me um arrepio pela espinha abaixo.

O *Bestseller* do *Sunday Times*
BRASAS RASAS

Por baixo de um desenho simples de uma chama vermelha está o nome da autora.

Mallory Maddox

É difícil ver o meu nome impresso agora. Não é tão giro como se poderia pensar. Sempre que o vejo, dou por mim a ter de lutar contra um impulso muito forte e visceral de atirar o livro pela janela, deixá-lo ir com o autoclismo ou — um mais recente — cuspir-lhe em cima. Desvio os olhos das letras douradas, movendo-os para a citação promocional mesmo à esquerda da chama.

«Uma estreia dolorosamente crua, mas bela — uma história de amadurecimento para ser lida por todos. A Maddox tem tudo.»
P.K. ANDERSON

Eu não fazia a mínima ideia de quem raio era a P.K. Anderson quando escrevi o livro, mas, valha-me Deus, não tardei a descobrir. Segui-a no Twitter, mandei-lhe uma mensagem privada cheia de agradecimentos efusivos, convidei-a para almoçar, convidei-a para o lançamento do meu livro. Pode haver quem pense que fui obsessiva, mas acho que isso seria um pouco dramático. Foi estratégico. A minha editora disse-me que precisava de me rodear de outros autores em ascensão, por isso tentei seguir o conselho. Escrevíamos géneros diferentes. Eu: realismo intenso. A P.K.: alta fantasia. A estreia da Paula Kate saiu no ano anterior à minha. Ambas as nossas histórias tinham um elemento de amadurecimento que parecia atrair o mesmo tipo de leitores, os jovens adultos. A dela era uma trilogia sobre um rapaz adolescente bissexual que desenvolve o poder telepático da premonição. Ela conseguiu um adiantamento astronómico e vendeu em mais de quarenta países. O meu livro teve uma proposta de dez mil libras pelos direitos mundiais, mas acabou por correr bem, graças a uma *youtuber* chamada CreIsYourBae que o escolheu para o seu clube do livro (ela adorou a capa), e depois ele «explodiu» no Twitter. Vendi doze mil exemplares num só dia.

Eu tinha vinte e nove anos.

Há sete anos.

Foi há sete anos. E nunca nos chegámos a conhecer, mas a P.K. devia andar ocupada.

Desde então, deixou o marido, conseguiu mais de um milhão de seguidores no TikTok e um enorme contrato de cinema com a Lionsgate

(outra fortuna, só pela opção), e continua a escrever a série até hoje: prequelas, sequelas, *spin-offs*, tudo isso — agora na sua casa à beira-mar em Malibu. É uma inspiração para tantas pessoas, segundo a revista *Cosmopolitan*. Não me lembro do artigo todo (perdi-me naquele mar de hipérboles que fez com que o meu cérebro quisesse implodir), mas, resumindo, descrevia-a como «feroz, independente» e, «não que isso importe, impressionantemente bonita».

Há sete anos.

E para mim, desde então: nada.

Bem, não nada. A minha agente deixou-me e a minha editora cancelou o meu segundo livro. O contrato para a adaptação televisiva expirou. Saí do Twitter por «motivos criativos»: fartei-me de bloquear contas que não se cansavam de perguntar «Qual é a demora? Porque é que não escreves outro? Se calhar não consegues LOL» porque eu própria estava bloqueada.

Bloqueio Criativo.

No início, quando ouvia esse termo, não acreditava totalmente nele. Parecia-me uma treta. Mas, à medida que o tempo passava e não conseguia pensar numa ideia nova, percebi que se podia tornar incrivelmente útil. Usei-o para alavancar uma narrativa externa de brilhantismo criativo: estava tão esgotada emocionalmente por ter escrito o *Brasas Rasas* que precisava de conceder uma pausa a mim mesma. Ser nomeada para o Prémio Waterstones de Melhor Ficção de Estreia aos vinte e nove anos exige muito de uma pessoa — e eu era a prova disso.

Resultou. Durante algum tempo. A dor por que eu afirmava ter passado foi avidamente absorvida pelos cantos da Internet que se interessavam. *A luta de ser assim tão brilhante*.

Mas a verdade é que eu já não tinha mais nada.

Sem mais ideias. Sem mais espaço. Bloqueada.

Bloqueada pela minha estadia no hospital. Bloqueada pelo que isso significava para mim, tão do nada. Bloqueada pelo período de recuperação que se seguiu. Bloqueada pelo curso de aconselhamento *online* em que mais tarde me inscrevi para fingir que estava interessada na psicologia alheia *para os meus livros*. (Não porque o Ronan me disse para fazer algo de útil e porque eu achei que ia perder o juízo por passar o dia

todo em casa sem dinheiro.) Bloqueada pelos pacientes que agora tenho (três), que vejo semanalmente, cada um a contar-me versões da mesma história. Bloqueada por me sentir pequena ao lado do meu marido e do seu sucesso contínuo, a sua ascensão, ao longo dos últimos sete anos. Tudo isto sublinhado por uma escuridão persistente, pontuada por pensamentos intrusivos tão intensos que já me perguntei se sequer sou real. Bloqueada pelos pedidos constantes dele para termos um filho.

A Maddox tem tudo.

Olho para o outro lado da chama, para a segunda citação.

«Uma Virginia Woolf dos tempos modernos»
THE OBSERVER

Mais aclamações vindas da outra divisão.

Mais da voz abafada do Ronan:

— Obrigado a todos por terem vindo!

Odeio isto. Esta vida. As pessoas na minha cozinha. A deceção que sinto vir de cada uma delas. Os olhares constantes de «terá sido sorte de principiante?» Odeio a forma como escrevo. Ou melhor, a forma como não escrevo. Odeio a forma como falo. A minha aparência. A pairar por aí com o cabelo num coque desleixado, não que eu seja desleixada, mas porque me importo. Demoro vinte minutos para o deixar assim. Odeio como me tornei mansa.

O Ronan diz isso de vez em quando. *Tornaste-te mansa, Mallory.*

Mal Mansa.

Consigo ouvi-lo agora, o discurso arrastado e ensaiado a começar:

— Não preparei nada. Mas vou dizer umas palavras…

Os convidados a rir. Apaixonados por ele.

Deslizo o livro, o meu livro, de volta para o seu lugar, escondido entre os outros.

— É um prazer celebrar isto convosco. Nem acredito, a sério…

— Nós acreditamos!

— Disseram-me que o Theo trouxe canhões de confetes. Tentem não apontar para minha cabeça, por mais que vos possa apetecer, ou vão ter televisão merdosa para o resto das vossas vidas.

Risos.

O ciúme dispara e leva-me a agarrar no copo de uísque que ele deixou no lavatório, a bebê-lo de um só trago, e depois a pegar no telemóvel. Antes que me consiga conter, estou a escrever no Google.

COMO ESCREVER UM *BESTSELLER* OUTRA VEZ

Paro, a pensar. *Não sejas burra, Mallory.*

Apago o «outra vez» e carrego no *enter*.

Alguns *sites* com ar profissional. Uns anúncios de cursos de escrita. COMO ESCREVER UM *BESTSELLER*: 6 PASSOS FÁCEIS. Continuo a percorrer a página até ver um blogue do Reddit.

O Reddit sabe sempre.

Abro-o.

Olá! Provavelmente estás aqui porque sabes que tens potencial para escrever, mas estás bloqueada, farta do teu emprego atual e/ou queres dinheiro.

Pois é. O Reddit sabe. Sabe sempre.

Bem, não te preocupes. Aqui está como escrever o próximo grande sucesso literário!!!!

Tendências a seguir:

- *Vozes sub-representadas estão muito na moda atualmente. Por isso, se tiveste uma vida de merda, tu = a ganhar!!!!!*
- *Crime é bom, mas faz com que seja cosy. As pessoas querem ler sobre homicídios sentadas à lareira a beber vinho tinto.*
- *Fantasia é popular — mete lá um dragão ou dois MAS faz com que o livro seja sexy. Melhor ainda, faz com que os dragões sejam sexy. Nem sequer tem de estar bem escrito. Basta a protagonista ter uma panca meio estranha pelo animal de estimação fantástico que monta (lol).*
- *Faz as pessoas chorar. As pessoas adooooram chorar.*
- *Sombrio é bom.*
- *E lembra-te sempre:* gays *estão na moda. Mete* gays. *Agora é fixe. Vende. No entanto — aqui está o grande segredo*

— a mistura perfeita é gay E triste. Se acertares nisso, ficas rica. E provavelmente ganhas um prémio.

Agradeçam-me depois. Bjs e boa escrita, cabras

A publicação tinha mais de nove mil gostos.

Penso na Paula Kate e no seu rapaz bissexual, responsável pela compra da casa em Malibu. E pelo seu divórcio. De repente, penso em todos os outros livros de que se fala aos gritos em cada canto da Internet. Muito *gay* por aí. Desculpem, muito LGBTQI+. Adoro tantos desses livros, e li-os mesmo, não fui só pesquisar no Google. *Uma Pequena Vida*. Meu Deus, chorei baba e ranho, e é um livro *tão grande*. Pensando bem, também alguns dos meus filmes preferidos. *Um Homem Singular* — tão triste, e *tão chique*. *O Reino de Deus*. Tão cru e tão real. *Milk: A Voz da Igualdade*. O Sean Penn foi de cortar a respiração, ganhou todos os prémios. *Filadélfia* também. Um dos grandes. O Tom Hanks perdeu tanto peso para o papel, foi notável. *As Horas*. *Adorei* esse filme. A cena em que o Ed Harris estava tão consumido pela vergonha e pelo VIH que se atirou pela janela. Fez-me chorar.

Faz as pessoas chorar.

No entanto, eu não sou *gay*.

Esperem. Será que sou?

Estou bêbeda.

Mas… será que sou?

A Clarissa Dalloway, porra.

A Clarissa Dalloway era um bocadinho *gay*. Juro que a *Wikipédia* dizia isso. E a Virginia também era, já agora. Sim! Era, sem dúvida. E já me compararam a ela — *na capa do meu livro. O raio do* Observer.

Toda a gente era um bocadinho. Toda a gente *é* um bocadinho, não é?

A Virginia Woolf era um bocadinho gay.

As minhas mãos estão a tremer.

Saio da casa de banho, sigo pelo corredor em direção às gargalhadas do discurso ensaiado do meu marido e noto que ninguém repara em mim quando entro. Levo mesmo com um «chiu» da mesma mulher que me chamou de Clarissa Dalloway. Fico de pé no fundo do grupo,

a bater palmas como uma Boa Esposa faz. Ouço-me a dizer coisas como «Querido! És tão engraçado!» enquanto o Ronan faz as suas piadas, ignorando o pensamento que me cai na cabeça do nada: pegar na faca Sakuto que está em cima da ilha de cozinha e provocar uma carnificina doméstica.

Ela atravessava tudo como uma faca.

Foi uma prenda de casamento da minha mãe.

— Muito bem! — As pessoas aplaudem à minha volta uma e outra vez enquanto o Ronan baixa a cabeça, a usar uma espátula como microfone irónico, e o tempo para.

Tão depressa como o Ed Harris se atirou daquela janela, algo me ocorre. Sinto um calor revigorante no topo da espinha, mesmo por baixo do crânio. E, com ele, tomo uma decisão. Uma que me vai mudar a partir deste momento.

Não vou explodir.

Não vou pôr pedras nos bolsos.

Vou escolher a coragem, e vou escrever.

Aconteceu. Fugaz, mas marcante.

Uma ideia.

Uma ideia para um novo livro.

Nascida das brasas rasas da minha alma.

3

Leo

Comichão.

Uma comichão do caralho.

Não te preocupes.

Não te preocupes.

Para de te coçar.

Esta noite vais estar com os teus dois melhores amigos. Tina e G.

Eles nunca te deixam mal.

Eles nunca te deixam mal.

Eles nunca te deixam mal.

— O que é que queres, puto?

Tem os olhos vermelhos. Está bêbedo, como sempre.

O Brick. Ele acha que as pessoas o chamam assim porque é duro como uma pedra e todos nós nos borramos só de pensar nele, mas não é por isso. É porque ele parece um tijolo mesmo.

— Tina e G.

Age como um tijolo. Fala como um tijolo. É burro como um tijolo.

Um grande pedaço de cimento.

Olho para trás dele, para além dos caixotes do lixo.

Estamos sozinhos.

Atiro a beata para a sarjeta.

— A tua camisola parece novinha em folha.

Roubei-a de uma loja de caridade, mas o Brick não precisa de saber disso. O Brick não precisa de saber de nada.

— Sim.

— Boa. Estás ganhar dinheiro, então?

Não há tempo para conversa de circunstância, Brick. Dá-me o bilhete para o paraíso de uma vez por todas.